

# **REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO ACERCA DA MORTALIDADE ENTRE JOVENS E AS PERSPECTIVAS DE INTERVENÇÃO NA ESCOLA**

## **HIGH SCHOOL STUDENTS' SOCIAL REPRESENTATION OF MORTALITY AMONG YOUNG PEOPLE AND THE ROLE THEY MIGHT PLAY AT SCHOOL**

**Luana Ferreira de Almeida<sup>1</sup>**  
**Eliane Brígida Morais Falcão<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>UFRJ/NUTES/Doutoranda em Educação em Ciências e Saúde, luafalmeida@ig.com.br

<sup>2</sup>UFRJ/NUTES/Professora associada, elianebrigida@uol.com.br

### **Resumo**

Esta pesquisa objetivou conhecer as percepções de estudantes do ensino médio em relação à mortalidade entre jovens e as perspectivas de intervenção na escola. A metodologia utilizada foi a do Discurso do Sujeito Coletivo/DSC. Os sujeitos foram alunos do 3º ano do ensino médio de uma escola estadual do Rio de Janeiro. Foram utilizados para coleta de dados, questionários com questões abertas e fechadas, envolvendo as questões relacionadas à morte entre jovens e religião. A pesquisa indicou que os estudantes têm consciência da alta mortalidade entre jovens no Brasil, sendo a violência a maior justificativa para esse fato. Acreditam que esse quadro possa ser revertido através da oferta de melhores oportunidades de emprego e maior acesso à educação. Possuem expectativas e são receptivos para a abordagem do tema da "morte" nas escolas. Enfatizam a importância da discussão e prevenção das causas de morte, com vistas a uma maior conscientização dos jovens.

Palavras-chave: jovens, morte, educação, saúde, religião.

### **Abstract**

The objective of this research was to know viewpoints of High School students vis-à-vis mortality among young people and the role they might play at school. The methodology used was the Subjects' Collective Speech. Students analyzed followed the third year of a School in the State of Rio de Janeiro. Several forms were used to collect data with open and closed questions, dealing with issues related to death among the young and religion. Results show that students are aware of the high level of mortality among young in Brazil, and violence is the major reason for that. They believe that this situation may be changed by means of better jobs opportunities and a broader access to education. They have expectations and are open to the theme of death at schools. They highlight the importance of discussion and prevention of causes that to death, aiming at a larger awareness of youngsters.

Key words: young people, death, education, health, religion.

## INTRODUÇÃO

O interesse central deste trabalho é o da alta incidência de mortes entre jovens. As causas de morte ou óbito podem ser muitas. Diferem em região, idade, sexo, causa. Em cada um desses há aspectos controláveis e não controláveis. Entre os controláveis podemos dizer que são os hábitos de higiene, alimentação, moradia e a educação. Os não controláveis são idade, sexo, entre outros.

Nosso interesse neste trabalho concentra-se nos aspectos controláveis, particularmente aqueles associados a processos educacionais que se ocupam com a promoção da saúde. E este aspecto pode ser associado a duas grandes políticas nacionais do Brasil: a do Ministério da Saúde e a do Ministério da Educação.

O Ministério da Saúde é o órgão mais diretamente responsável pela promoção da saúde em termos de grande população. Ele se relaciona com as secretarias estaduais e municipais de saúde, de cada região. Através da notificação de dados, o Ministério da Saúde, procura conhecer as principais doenças e agravos à saúde que afetam a população, os grupos mais suscetíveis, as faixas etárias mais atingidas, os riscos mais relevantes e os mecanismos de controle para cada caso.

A notificação de dados ocorre através do preenchimento de documentos e relatórios padronizados pelo Ministério da Saúde, que estão presentes em todas as unidades de saúde do Brasil, sendo o profissional de saúde responsável pelo seu preenchimento.

Dentre os documentos a serem preenchidos pelo profissional de saúde encontra-se o atestado de óbito. Trata-se de um relatório no qual constam dados da pessoa que foi à óbito, como nome, idade, registro geral, endereço, filiação, doenças preexistentes, a causa mortis entre outros. A causa mortis representa a causa pela qual a pessoa morreu. Através da análise das notificações de óbito, pode-se calcular a taxa de mortalidade de uma população.

Segundo Rouquayrol e Filho (2003), a taxa de mortalidade geral é calculada dividindo-se o número de óbitos relativos a todas as causas, em um determinado ano, pela população, naquele ano, circunscritos a uma determinada área e multiplicando-se por 1.000.

A taxa de mortalidade específica por idade é calculada dividindo-se o número de óbitos ocorridos num dado grupo da população numa determinada área no ano, pela população, naquele ano, circunscritos a uma determinada área e multiplicando-se por 1.000. Desta maneira determina-se taxa de mortalidade de jovens e suas causas.

Através de todos esses dados, no Brasil, hoje, a maior causa de morte em jovens são as causas externas substituídas pelas epidemias e doenças infecciosas. As causas externas de mortalidade são caracterizadas principalmente pelos acidentes de trânsito e os homicídios.

O Mapa da Violência faz parte de uma linha de estudo realizado pela Unesco no Brasil desde 1997, com o apoio e parceria de vários órgãos. O sociólogo Julio Jacobo Waiselfisz, responsável pelo relatório “Mapa da Violência III” (2002), afirma que no conjunto da população, só 12,2% do total de mortes no país são atribuídas a causas externas. Já entre os jovens, as causas externas são responsáveis por mais de 70% dos óbitos. Ressalta que os homicídios são responsáveis por 39,2% das mortes entre esse grupo

Dados resultantes de uma pesquisa realizada pela Secretaria do Desenvolvimento e Solidariedade do Município de São Paulo demonstram que de acordo com o estudo, São Paulo está entre as regiões metropolitanas mais violentas do país, juntamente com Vitória (ES), Recife (PE) e Rio de Janeiro. A pesquisa mostra que os índices brasileiros superam o de Israel, Croácia, Eslovênia, Rússia, Estados Unidos, Argentina e México, entre outros. Ressalta ainda que o homicídio é a maior causa de morte entre jovens brasileiros. Atualmente, de cada duas mortes com causas externas, com vítimas em idade entre 15 e 24 anos, uma é por assassinato. O número de vítimas de assassinato entre jovens nessa faixa etária aumentou em 30% em um período de 22 anos (1978 a 2000).

De acordo com Waiselfisz (2007), responsável pelo relatório “Mapa da Violência”, resultado de um estudo realizado pelo Fundo das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) com base no Subsistema de Informação sobre Mortalidade (SIM) do Ministério da Saúde:

“Em 1980, 30% dos jovens que morreram no Brasil foram assassinados. Em 2002, a porcentagem pulou para 54,5% e dos quase 49 mil jovens mortos, 15 mil foram vitimados por armas de fogo. Entre 1993 e 2002, os homicídios entre jovens de 15 a 24 anos cresceram 88,6%, a uma velocidade de 5,5% ao ano”.

Este relatório ressalta que, a maioria das vítimas de homicídio tem idade próxima aos 20 anos. Até os 13, são poucos os casos de assassinato. A partir dos 14, o risco aumenta, até chegar ao pico em torno dos 20 anos, principalmente no sexo masculino. Em 2002, último ano do período pesquisado, foram registradas 2.505 mortes de jovens com essa idade, o maior índice entre todas as faixas etárias.

Entre os estados, o Rio de Janeiro agora tem o maior número de homicídios entre jovens e também o maior número de assassinatos na população em geral. No Mapa da Violência III (2002), o Rio estava à frente apenas no ranking de homicídios entre jovens. No ranking geral, o estado ficava atrás de Pernambuco. Na nova edição da pesquisa, porém, o Rio passou a ocupar o primeiro lugar nas duas listas pela primeira vez.

Isto pode ser explicado por essas duas cidades serem metrópoles cujo índice de violência está aumentando cada vez mais. Os jovens de todas as classes estão se envolvendo com as drogas. A falta de emprego e oportunidade, muitas vezes os leva à marginalidade fazendo com que entrem no mundo do crime e se envolvam com assaltos, brigas de rua e homicídios.

Mesmo em relação aos jovens de classe média e classe média alta, a violência está presente. O uso de drogas e álcool contribui para o aumento da violência, aumento dos acidentes de carro e também dos homicídios. Os assassinatos costumam ocorrer por assaltos e brigas, prevalecendo o sexo masculino o culpado ou a vítima.

De acordo com Araújo (2007),

“Um recente trabalho coordenado pelo *Núcleo de Estudos da Violência da USP* (Universidade de São Paulo) analisou mortes de jovens entre 1980 e 2002, concluindo que os homicídios contra crianças e adolescentes representaram, nesse período, 16 % do total de casos ocorridos no País. 59% dos crimes foram praticados com armas de fogo. O último estudo do Unicef, divulgado no final do ano passado, afirmou que 16 crianças e adolescentes são assassinados por dia no Brasil. Entre 1990 e 2002, essas mortes aumentaram 80% no País”.

Podemos observar que a mortalidade por homicídios em adolescentes reflete um dos sintomas do quadro social brasileiro, expondo-os a situações que determinam sua morte de forma precoce e violenta.

Apesar dos acidentes de trânsito também se apresentarem como causas de morte entre jovens, desde 1997, com a promulgação da nova Lei de Trânsito, até o ano de 2000, as taxas decresceram a um ritmo de aproximadamente 6% ao ano. (Waiselfisz, 2002).

Esse fato explica a preocupação com os homicídios no que diz respeito à causa de morte entre jovens, principalmente em uma metrópole como o Rio de Janeiro.

Segundo Lopes e cols (2004),

“Os adolescentes, por suas características biológicas e psíquicas, necessitam identificar-se com um mundo que lhes ofereça suporte emocional para enfrentarem e desfrutarem essa fase da vida, repleta de inseguranças e conflitos internos. Essas características, aliadas à falta de perspectivas originadas pelas discrepâncias sócio-econômicas e culturais, são fatores precipitantes da exacerbação de comportamentos violentos, desencadeantes dos homicídios”.

Este quadro nos remete à necessidade de intervenções sociais. Certamente ações e políticas devem ser desenvolvidas por diferentes setores da sociedade (sociedade civil, governo federal, estados e municípios), a fim de promover melhores condições de educação, trabalho, saúde, lazer e moradia para os jovens brasileiros. Políticas eficientes devem ser desenvolvidas para solucionar o problema, ou seja, sobretudo na área da educação.

O Ministério da Educação tem como uma de suas metas prioritárias assegurar a todos os brasileiros acesso à escola, isto é, o ingresso, a permanência e a conclusão do ensino fundamental e médio com qualidade. A preocupante realidade de jovens em situação de vulnerabilidade social leva o Ministério da Educação, através das Secretarias de Educação a atuar como articulador de políticas públicas para garantir educação de qualidade a essas jovens.

No presente trabalho, o que se investiga é a resposta educacional escolar. É possível esperar que a escola ofereça forma de atender os jovens? Há algo a fazer?

A vulnerabilidade em que se encontra o jovem brasileiro faz com que muitos deles entrem no mundo do tráfico, na criminalidade e experimentem situações de risco, inclusive de morte.

Para Kovác (1992), o conhecimento da morte aparece desde a infância, e não somente no final da vida. O adulto não fala sobre o assunto com o jovem por acreditar que está protegendo o mesmo. Desta maneira, é natural que os jovens se sintam inseguros e despreparados quando se tratada finitude humana.

Além disso, o jovem muitas vezes não acredita que a morte possa acontecer na juventude, e sim em uma fase mais madura.

Para a autora, torna-se claro que o jovem busca uma vida mais vigorosa, caracterizada pelo desafio constante da morte. No entanto, ressalta ela, na busca mais intensa por uma vida mais dinâmica, o jovem pode fazer escolhas inadequadas como o uso de drogas ou o hábito de relações sexuais sem proteção. É neste momento, propõe Kovács, que a consciência da finitude poderia ser uma possibilidade pessoal para o desenvolvimento do ser humano, porque poderia permitir uma reflexão integral sobre o presente e o futuro de si mesmo.

O sociólogo Nobeit Elias (2001) refere que na sociedade ocidental moderna o comportamento dos indivíduos diante da morte é identificado como isolamento do moribundo, perda de ritos funerários e a visão da morte como um tabu.

Na perspectiva de Elias (2001), a dificuldade não está em apenas falar sobre a morte, mas sim na forma como falamos dela, principalmente com os jovens. Segundo o autor, a aversão dos adultos de hoje em transmitir à juventude os fatos biológicos da morte e da finitude é apenas uma das peculiaridades da nossa sociedade. Essa postura em relação ao tema entre jovens os prejudica quanto à regulação das suas condutas em relação a esta contingência existencial. Elias (2001) defende a importância da juventude se familiarizar com o fato da morte, da finitude de suas próprias vidas e a de todos, se posicionando a favor da abertura do tema principalmente na família e na escola.

Estas instituições sociais podem contribuir para a discussão em relação ao fim da vida, tendo como subsídios, por exemplo, a religião, a saúde e a educação.

Coelho (2005) realizou um estudo entre estudantes do ensino médio de duas diferentes escolas, visando conhecer a representação social de morte deste grupo, especialmente expressas nas aulas de biologia. Em seus dados foi possível vislumbrar o interesse dos estudantes pelo tema. Mesmo nos que se mostraram receosos com tal abordagem foi possível identificar reflexos de hábitos culturais que precisam ser revistos. Interesse em preparar as pessoas a aceitar melhor a finitude humana e curiosidades científicas e tecnológicas sobre a morte, bem como aprender os cuidados com a saúde foram tópicos bastante indicados pelos estudantes a serem abordados nas aulas, o que reflete a preocupação dos jovens com a saúde e qualidade de vida. É neste ponto que é possível vislumbrar um caminho educacional de pensar com os jovens, formas de preservação de suas vidas, ou de sua saúde.

Muitos alunos, inclusive, propuseram um ensino que colabore para a aquisição de novos hábitos de autocuidado entre os estudantes do ensino básico.

Desta forma é possível ligar esse tema com a educação para a saúde.

Nesse estudo também ficou evidente a presença forte das religiões, já que revelou visões de morte construídas através de experiências vividas e de conhecimentos adquiridos dos mais variados campos culturais (religiosos, científicos, cotidianos, etc).

Entendemos que a adolescência é o momento da vida do indivíduo em que há especificidades fisiológicas, psicológicas e sociológicas com possibilidades de intervenção por meio de instituições, da sociedade e de profissionais da área da educação e da saúde, com o objetivo de proteger os jovens das consequências do meio em que vivem.

Nessa integração, a saúde deve intervir e colaborar com ações de atendimento à atenção primária, secundária e terciária, valorizando esse grupo frente às suas necessidades em qualquer um desses níveis.

A violência enquanto fator determinante de risco torna-se um problema de saúde coletiva que não pode ser deixado de lado. Portanto, há a necessidade de criação de projetos e políticas intersetoriais, capazes de proteger os jovens que estão vulneráveis a essa situação.

Podem ser realizadas ações em educação em saúde, apoio e esclarecimento das famílias de adolescentes ligados à criminalidade e incentivo à escola. Esta é sem dúvida, uma instituição muito importante, pois além de formar cidadãos, com perspectivas e possibilidades de um emprego, distancia o grupo de jovens da criminalidade.

Ao discutir conceitos de saúde na perspectiva de educação/saúde/trabalho, Paiva (2004, p.317) refere que a saúde sofre transformações significativas em diferentes épocas e sociedade, estando diretamente relacionada com a história de um povo, e momentos políticos vivenciados por ele. Neste momento, saúde é compreendida não pela ausência de doença, mas por um completo bem-estar biopsicossocial, visando à qualidade de vida de uma população.

No Rio de Janeiro, um crescente problema vem se tornando visível e interferindo na vida escolar: violência, polícia, tiroteio, suspensão de aulas, alunos armados, alunos que abandonam as aulas para integrar-se a grupos violentos do tráfico.

Nesse espaço busca-se ensinar “ciência” e explorar as condições de saúde desses jovens em seu pleno conceito.

Diferentes causas e dificuldades cercam as condições de ensino de ciências. As análises exploram dificuldades dos conteúdos específicos, aprendizagens prévias não conquistadas, ausência de biblioteca, concepções alternadas que esbarram com a ciência entre outros.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) saúde representa de um completo bem-estar, físico, mental e social. Mas como está a saúde destas pessoas? É possível ensinar ciências a pessoas que têm dificuldades no atendimento às suas necessidades básicas, como moradia, alimentação, lazer e trabalho. É possível falar da importância do ambiente, se não conhecem saneamento básico? É possível uma boa aprendizagem se não têm o que comer? É possível estimular o raciocínio lógico se estão expostos à intranqüilidade oriunda da violência diária do ambiente em que vivem, com balas perdidas, pistoleiros? Esses jovens estão bem física, mental e socialmente? Têm equilíbrio mental? Como podem aprender nas escolas? A quem estamos ensinando ciências, a qual requer pensamento abstrato, raciocínio? Quem são esses jovens? Como estão esses alunos? O que pensam a respeito da vulnerabilidade da morte às vezes tão próxima? Como esse grupo se coloca diante das dificuldades vividas? Para responder a essas questões foi realizado um estudo exploratório da percepção de estudantes do ensino médio acerca da mortalidade entre jovens e as perspectivas de intervenção na escola.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa foi realizada em uma escola pública do estado do Rio de Janeiro, em um Ciep (Centro Integrado de Educação Pública) localizado em um complexo popular de comunidades, com carências e desigualdades sociais. De acordo com Santos (2006), apesar de denominada de Ciep, esta unidade escolar não segue o preconizado, ou seja, horário integral para os estudantes, e nem tampouco atividades diversificadas e oficinas.

Ressalta ainda que 95% dos alunos dessa escola fazem parte da comunidade em questão. Vale lembrar que esse complexo popular é o maior conjunto de favelas do Rio de Janeiro e que nesse cenário encontramos espaços urbanizados com limitada organização e outros espaços vivendo em completo abandono.

A escola em questão atende aos turnos da manhã, tarde e noite oferecendo vagas para o segundo segmento do ensino fundamental (5ª a 8ª séries); o ensino médio (1ª, 2ª e 3ª séries); além do ensino de jovens e adultos (EJA), atendendo uma faixa etária mais alta e objetivando a conclusão do ensino fundamental.

Como qualquer escola pública estadual mantém um ensino com professores que enfrentam problemas de sobrecarga na escola e falta de recursos.

Outro aspecto que se torna importante para situar o contexto escolar em questão é a evasão de estudantes. A participação de jovens no tráfico, motivados pela idéia de que os riscos são compensados por gratificações sociais, pela vida em que leva sua família, marcada por dificuldades econômicas e sociais, pelo desemprego, é mais atraente que a conclusão do ensino médio. Uma vez associado ao tráfico, dificilmente, o aluno retorna à escola. Outro dado importante é a gravidez na adolescência, uma das situações responsáveis pela evasão das meninas.

Estes fatos explicam o motivo de ser comum um alto número de matrículas no início do ano letivo e, ao longo do mesmo, essa quantidade de alunos diminuir drasticamente, gerando, muitas vezes, compressão de turmas. É comum existirem somente duas turmas de 3ª série por turno.

O grupo de estudantes pesquisado corresponde aos alunos do 3º ano do ensino médio, mais especificamente estudantes do turno da manhã.

Vale ressaltar que por se tratar de um período de provas e final de semestre letivo, foram abordados apenas os alunos que compareceram à escola no momento da coleta de dados. Foram excluídos da amostra aqueles que se recusaram a participar do estudo ou que não compareceram ao local durante a coleta de dados. O instrumento para a coleta de dados constou de um questionário com perguntas abertas e fechadas. Na primeira parte, foram feitas perguntas relativas à mortalidade entre jovens, e na segunda parte, foram realizadas perguntas em relação à religiosidade do grupo pesquisado.

Responderam o questionário 33 alunos, sendo os mesmos informados a respeito do objetivo do trabalho, e também receberam informações sobre a forma de utilização do material de pesquisa. Houve cuidado para que não houvesse indução de respostas. Foi assegurado que o material seria utilizado de forma sigilosa, não sendo permitida a identificação do aluno no questionário.

A identificação das Representações Sociais de morte e das expectativas quanto à abordagem do tema morte humana foi feita a partir da metodologia de análise qualitativa proposta por Lefèvre et al (2001,2003): O Discurso do Sujeito Coletivo (DSC).

A *análise do discurso do sujeito coletivo* (DSC) corresponde ao processo metodológico proposto por Lefèvre&Lefèvre (2002 e 2003) e tem como objetivo identificar a representação social de um determinado tema, ou objeto, de um grupo, a partir das expressões verbais expressas individualmente em entrevistas ou questionários. Trata-se de uma proposta de organização e tabulação de dados qualitativos de natureza verbal, obtidos através de depoimentos.

Para os autores, o pensamento de uma coletividade sobre um determinado tema pode ser visto como um conjunto de discursos, ou representações sociais existentes na sociedade e na cultura sobre esse tema. O pensamento e/ou resposta a uma indagação reflete o compartilhamento de um imaginário social, comum, coletivo, existente num determinado momento.

A análise do discurso do sujeito coletivo busca a partir das expressões individuais, chegar às representações que compõe o imaginário de um grupo social num determinado momento histórico. Assim:

“O DSC tem a função de reconstruir, com pedaços de discursos individuais, como em um quebra cabeças, tantos discursos-síntese quantos se julgue necessário para expressar uma dada “figura”, ou seja, um dado pensar ou representação social sobre um fenômeno.” (Lefèvre, 2000).

O DSC tem como proposta a reconstrução de discursos-síntese, a partir de discursos individuais, como um quebra-cabeça, para expressar um dado pensamento ou representação social sobre determinado fenômeno.

Para a elaboração do DSC parte-se de uma análise inicial dos discursos individuais de um grupo a respeito de um determinado tema. Esse discurso único elaborado a partir de vários discursos individuais descreve significativamente as representações do coletivo investigado. Pode ser construído um ou mais discursos-síntese, e essa construção torna-se possível a partir da identificação e definição de *idéias centrais e expressões-chave* nas expressões individuais do grupo investigado.

Segundo a metodologia, as *expressões-chave* são constituídas através de transcrições literais de partes dos depoimentos dos sujeitos analisados, sendo organizadas em grupos de acordo com a *idéia central* que exprimem. As *idéias centrais* correspondem a um nome ou expressão lingüística que revela e descreve o sentido de cada um dos discursos explicitados pelos sujeitos em seus depoimentos. É possível construir, durante a análise, quantas *idéias centrais* se julguem necessário. Com o conteúdo das *expressões-chave* são construídos os *discursos do sujeito coletivo* (DSCs) que visam a tornar clara a representação do grupo analisado.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em relação às perguntas que investigaram o objeto desta pesquisa, apresentam-se a seguir os resultados, sob a forma de tabelas relativas e percentuais. As tabelas contêm as Idéias Centrais e os Discursos do Sujeito Coletivo, obtidos através da análise das respostas às perguntas do questionário. Vale ressaltar que erros ortográficos foram identificados sendo os mesmos corrigidos durante a redação deste relato.

A primeira pergunta do questionário referiu-se à quantidade de mortes em jovens no Brasil, demonstrando que a maioria 76% (25) dos jovens pesquisados acredita ser muito grande, 21% (07) refere ser grande e 3% (01) refere ser normal, a quantidade de morte entre jovens no Brasil.

Na opinião dos estudantes as causas de morte mais comuns entre jovens no Brasil correspondem à violência, criminalidade, drogas e acidentes de trânsito, conforme podemos observar na tabela 1.

A violência representa uma problemática abrangente na qual os jovens acabam fazendo parte, motivados pela idéia de que os riscos serão reconhecidos e recompensados socialmente. Em relação aos riscos podemos falar do envolvimento com o tráfico, do uso de armas de fogo, do uso de drogas e bebidas alcoólicas, da alta velocidade no trânsito, entre outros.

**Tabela 1: Idéias centrais e Discursos do Sujeito Coletivo dos estudantes em relação às causas de morte mais comuns entre jovens no Brasil.**

IC	DSC	FREQUÊNCIA
<b>Violência (arma de fogo, bala perdida, roubo, assassinatos, assaltos), criminalidade, drogas e acidentes de trânsito</b>	Assaltos, balas perdidas, assassinatos e roubos causam a morte (...). Os jovens morrem reagindo a assaltos e entram na criminalidade cedo (...) Com arma de fogo os jovens acabam matando (...). Acabam sendo mortos (...) a violência nas ruas existe.  Os jovens estão entrando no mundo das drogas. (...). Quando estão envolvidos com o tráfico de drogas, brigam pelas drogas e acabam e matando.	73%

	(...) O jovem ao dirigir alcoolizado pode sofrer um acidente de carro. (...)	
<b>Desigualdade social</b>	Os jovens de classe alta não se preocupam com nada (...). Os jovens de classe baixa se envolvem em conflito armado devido à pobreza (...).	6%
<b>Falta de oportunidade (falta de emprego)</b>	Os jovens morrem por falta de oportunidade. É muito difícil ter um bom emprego (...).	15%
<b>Irresponsabilidade</b>	(...) são muito irresponsáveis e desinteressados.	9%
<b>Má formação escolar</b>	Os jovens morrem porque a educação está precária. As escolas não desenvolvem uma boa formação (...)	3%
<b>Brigas</b>	Os jovens se envolvem em brigas de rua (...) e morrem.	6%
<b>Doenças</b>	Os jovens morrem por doenças e causas naturais.	6%
<b>Ausência de estrutura familiar</b>	Os jovens morrem devido à má estrutura familiar.	3%

84% (28) dos estudantes que responderam o questionário acreditam que é possível diminuir o número de morte entre jovens no Brasil. Reforçam que deve haver acesso à educação de qualidade para melhores oportunidades de emprego, conforme demonstrado na tabela 2.

Os jovens têm consciência da necessidade de capacitação para o mercado de trabalho, e que a educação é de grande importância para os jovens, que apostam em um futuro melhor.

**Tabela 2: Idéias centrais e Discursos do Sujeito Coletivo dos estudantes em relação às medidas que podem diminuir o número de morte entre jovens.**

IC	DSC	FREQUÊNCIA
<b>Educação (programas educacionais, capacitação profissional, cursos, ensino escolar)</b>	Investir na educação. Ter mais escolas (...) e incentivar jovens a estudar. Rever a situação escolar (...) e oferecer programas para educar nossos jovens. (...) melhor ensino escolar estimulando os jovens a estudar (...).	27%
<b>Revisão das leis</b>	Mais justiça nesse país, rever leis.	6%
<b>Melhor relação com pais</b>	Se os pais (...) acompanharem seus filhos com mais diálogo em casa (...).	15%
<b>Influência do tráfico</b>	Algo que faça o tráfico pensar melhor.	3%
<b>Mais oportunidades de emprego</b>	Investir mais em jovens (...). Oferecer mais oportunidades (...), para terem empregos melhores e trabalho digno. Dar oportunidade (...) e acesso aos empregos (...). Se não tem oportunidade de trabalho, não tem emprego.	36%
<b>Projetos sociais</b>	Criando alguns projetos sociais para jovens	9%
<b>Espaço</b>	Melhorar o lugar onde eles vivem.	3%

<b>Respeito ao jovem</b>	A sociedade ter mais respeito e atenção com o jovem.	6%
<b>Qualificação de policiais</b>	Aumentar o nível dos policiais	3%
<b>Responsabilidade política</b>	O político parar de roubar.	3%

Os sujeitos responsabilizam o poder público pelas desigualdades sociais geradoras de violência e pela sua inoperância em atender às necessidades de uma população cada vez mais pobre. É importante enfatizar que os discursos também retratam a vulnerabilidade da população à violência pelo baixo suporte policial, o que gera insegurança.

Em relação à pergunta sobre o que acontece com o corpo após a morte, 43% (14) responderam que **não** sabem o que acontece com o corpo após a morte, mostrando o quanto é importante a discussão desse tema.

Ao responderem a pergunta: “Você acha que as escolas de ensino médio deveriam abordar o tema “morte”, isto é conversar e discutir sobre o assunto?”, 61% (20) dos estudantes disseram que **sim**, para que haja maior conscientização dos jovens, tamanha a relevância do assunto, como pode ser observado na tabela 3.

**Tabela 3: Idéias centrais e Discursos do Sujeito Coletivo dos estudantes em relação à importância da discussão sobre morte entre jovens na escola.**

IC	DSC	FREQUÊNCIA
<b>Mortalidade de jovens em comunidade de baixa renda</b>	Por tantas vidas perdidas (...), a expectativa de vida do jovem (...) em comunidades de baixa renda é muito baixa.	6%
<b>Relevância do tema da morte</b>	Seria bom (...) porque é muito importante ficarmos cientes do assunto. (...) Evitaria a morte de pelo menos um.	18%
<b>Conscientização do jovem</b>	(...) os jovens iriam dar mais valor à vida, (...) iriam pensar antes de fazer besteira. (...) refletiriam mais, teriam mais consciência, (...) iam se conscientizar um pouco mais (...).	30%
<b>Motivos da morte</b>	Temos que falar da causa da morte, falar quais os motivos que levam à morte (...) explicar os motivos que levam à morte.	12%
<b>Morte como algo comum a todos</b>	A morte é algo que engloba todos os seres vivos da terra.	3%
<b>Relação professor x aluno</b>	(...) maior entrosamento entre alunos e professores.	3%

Para os estudantes as causas de morte em jovens devem abordadas na escola através de diversas estratégias, tais como debates, palestras, vídeos, mostrando-se receptivos à abordagem do tema da “morte”, conforme os discursos da tabela 4.

**Tabela 4: Idéias centrais e Discursos do Sujeito Coletivo dos estudantes quanto às sugestões de abordagem do tema “morte” entre jovens na escola.**

IC	DSC	FREQUÊNCIA
<b>Valorização da família</b>	A família como referência.	3%
<b>Estratégias para abordar o tema</b>	(...) vídeos, fazer debates, palestras, peças, trabalho em grupo, redações. (...)	30%
<b>Relação de confiança professor X aluno</b>	Os professores têm que conversar mais com os alunos. (...)	3%
<b>Prevenção da causas de morte</b>	Os jovens devem ter mais atenção, (...) e não procurar a morte. (...) como evitar acidente e termos mais segurança. (...)	12%
<b>Discussão sobre as causas de morte</b>	(...) falar sobre as coisas que estão acontecendo, sobre a realidade, (...). Como a vítima acabou de ser morta (...)	24%

Para os jovens, a escola torna-se um espaço de convivência, onde deve existir o diálogo para a construção de opiniões sobre determinado tema.

Segundo Lopes (2005, p.1221),

“Os adolescentes por suas características biológicas e psíquicas, necessitam identificar-se com um mundo que lhes ofereça suporte emocional para enfrentarem e desfrutarem essa fase da vida, repleta de inseguranças e conflitos internos”.

A segunda parte do questionário corresponde à religiosidade dos estudantes pesquisados. 97% (32) dos alunos crêem em Deus, e a maioria dos estudantes afirma ter religião o que corresponde a 79% (26). Desses, 54% (14) são católicos, conforme tabela 5.

**Tabela 5: Idéias centrais e Discursos do Sujeito Coletivo dos estudantes quanto às suas religiões.**

	N	%
Católica	14	54
Evangélica	10	38
Não especificaram	02	8

Quando indagados se freqüentam sua religião por livre e espontânea vontade, todos os estudantes responderam que **sim**, ou seja, 100% (26) dos estudantes freqüentam sua religião por livre e espontânea vontade. Justificam suas respostas afirmando que freqüentar sua religião consiste em satisfação pessoal.

Estes dados referentes à religiosidade nos mostram que apesar da maioria dos estudantes terem religião e freqüentarem a mesma, apresentam dúvidas quanto à finitude humana, necessitando de esclarecimentos em relação ao assunto principalmente, quando se trata de mortalidade entre jovens.

## CONCLUSÃO

Este estudo mostra que a precária inserção sócio-econômica vivida pelos jovens em seus contextos sociais apresenta reflexos nas vidas dos adolescentes.

Os discursos permitiram identificar que os jovens têm consciência do alto índice de morte entre jovens no Brasil, sendo a violência (homicídio, assassinato, bala perdida, criminalidade) a maior justificativa para esse fato. Acreditam que esse quadro possa ser revertido e revelam expectativas de receber na escola apoio para tais questões.

Querem mais segurança pública, apoio familiar e emprego, e também querem melhorias na educação escolar. Possuem expectativas e são receptivos para a abordagem do tema da "morte" nas escolas de ensino médio. Enfatizam a importância da discussão e prevenção das causas de morte, com vistas a uma maior conscientização dos jovens.

Esse quadro sugere a inclusão de temas relevantes da realidade no ensino de ciências, como a mortalidade entre jovens no Brasil.

## REFERÊNCIAS:

- ARAÚJO, W. **Morte de jovens no Brasil: Guerra diária.** [www.cidadadomundo.org.br](http://www.cidadadomundo.org.br). Acesso em 02/07/07.
- COELHO, F. J. F. 2006. 99 f. **O ensino de biologia e a representação social de morte.** Dissertação (Mestrado em Tecnologia Educacional para a Saúde) - Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- ELIAS, N. **A solidão dos moribundos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- KOVÁCS, M. J. **Morte e desenvolvimento humano.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.
- LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A . M. C. **O Discurso do Sujeito Coletivo - Uma nova opção em pesquisa qualitativa.** Caxias do sul: EDUCS, 2000.
- LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A . M. C. **O Discurso do Sujeito Coletivo.** Caxias do sul, EDUCS, 2001.
- LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A . M. C. **O Discurso do Sujeito Coletivo - Uma nova opção em pesquisa qualitativa (Desdobramentos).** Caxias do sul: EDUCS, 2003.
- LOPES, M. J. e cols. Homicídios entre adolescentes no Sul do Brasil: situações de vulnerabilidade segundo seus familiares. **Cadernos de Saúde Pública.** Rio de Janeiro, 21 (1), jan-fev, p.120-129, 2005.
- PAIVA, M. C. Educação e meio ambiente no trabalho: subsídio para uma proposta de educação continuada. **Enfermagem Brasil.** Rio de Janeiro. Ano 3, nº 6, 316-322, nov/dez, 2004.
- ROUQUAYROL, M. Z.; FILHO, N. A. **Epidemiologia e saúde.** Rio de Janeiro: Medsi, 2003.
- SANTOS, A. G. **Ensino de biologia: religião e ciência como desafios para o professor e para os estudantes.** Dissertação (Mestrado em Tecnologia Educacional para a Saúde) - Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- WASELFISZ, J. J. **Mapa da violência III** (síntese). Unesco, Brasil, fev, 2002.
- WASELFISZ, J. J. **Mapa da violência IV: os jovens do Brasil.** [www.unesco.org.br](http://www.unesco.org.br). Acesso em 08/07/07.